

## A GUERRA VISTA PELOS DE BAIXO

Ana Cosenza\*

REED, John. *Guerra dos Bálcãs*. São Paulo, Conrad Editora do Brasil, 2002.

Há muitos aspectos de *Guerra dos Bálcãs* que poderiam ser ressaltados em uma resenha. A começar pelo próprio texto: trata-se de um daqueles livros empolgantes, que se lê com prazer e vontade de chegar à próxima página, sem, entretanto, ser superficial.

A resenha poderia abordar, mais especificamente, algum dos países e povos descritos nesse livro, que trata da Primeira Guerra Mundial no Leste Europeu: Grécia, Sérvia, Rússia, Turquia, Romênia, Bulgária. A descrição da Sérvia destrocada pela guerra e pela doença; ou a análise da Rússia que gestava a revolução socialista, ou, ainda, o impressionante retrato das populações judaicas e como eram tratadas nos diferentes países poderiam, sozinhos, ser tema desta resenha.

Sem esquecer, claro, a importância do autor. John Reed tornou-se mundialmente conhecido com *Os dez dias que abalaram o mundo*, sobre a revolução russa. Mas, ao escrever *Guerra dos Bálcãs*, já era um dos principais jornalistas norte-americanos e este foi um dos livros que ajudaram a inaugurar o jornalismo moderno.

Entretanto, a opção aqui foi concentrar-se nas concepções de história e de jornalismo contidas no livro e como elas ajudaram a mostrar o fim de uma organização mundial e o nascimento de outra.

### *A história das pessoas comuns*

A primeira coisa que precisa ser dita sobre *Guerra dos Bálcãs* é que este não pretende ser um livro de história, no sentido de um estudo que explique os acontecimentos da Primeira Guerra Mundial na região. É, antes, um documento, um relato. Acontece que, da

forma como foi escrito, o livro acaba por desvendar como a guerra afetou a vida de pessoas comuns, como mudou ou acentuou valores e preconceitos, como fortaleceu aspectos culturais e reascendeu ódios e disputas territoriais, como desorientou e reorganizou sociedades.

Reed descreve os costumes, as roupas, o comércio, a comida e as casas dos países do Leste Europeu que visitou de março a setembro de 1915. Ele narra situações cotidianas vividas ou presenciadas por ele e por seu companheiro de viagem, Boardman Robinson. Reproduz diálogos com soldados e generais, com príncipes e moradores de rua, com embaixadores e donos de hotéis. É dessa forma que mostra uma guerra que não é feita de grandes batalhas épicas, nem de heróis, nem de momentos cruciais; mas sim de milhares e milhares de pessoas que têm suas vidas destruídas e procuram adaptar-se a uma nova situação.

Como afirma o próprio autor no prefácio: “Exceto por nosso envolvimento na grande retirada russa e a rápida passagem pelos Bálcãs no início da ofensiva alemã, tivemos a sorte de sempre chegar aos lugares durante relativas calmarias nas hostilidades. Exatamente por essa razão, talvez, fomos mais capazes de observar melhor a vida cotidiana das nações do Leste Europeu diante da tensão constante do conflito armado prolongado” (p. 11).

Não se pense, entretanto, que *Guerra dos Bálcãs* se restringe à descrição pura dos acontecimentos. Reed parte da história vivida no cotidiano e por ele narrada em tom jornalístico para, pouco a pouco, levar o leitor a compreender os grandes movimentos e interesses que estavam em jogo durante a Primeira Guerra. O autor usa as pequenas situações, os dramas pessoais, como ferramentas para uma análise sutil, mas precisa e reveladora, das transformações pelas quais passava o mundo naquele momento. Estão ali, muito claramente, a agonia do império Russo, o drama da Sérvia, o desmantelamento da cultura turca e as tentativas da Inglaterra e da Alemanha de firmarem sua influência de forma hegemônica na Europa do Leste.

O livro torna-se, então, histórico naquele sentido descrito acima, mas com uma compreensão da história como resultado de forças sociais e determinações econômicas, e não como ação restrita aos campos de batalha ou às decisões dos governantes.

*Guerra dos Bálcãs* é composto por cinco partes: “Salônica”, “Sérvia”, “Rússia”, “Constantinopla” e “Os Bálcãs ardentes”, sendo que a que mais claramente aborda a guerra como fenômeno que extrapola o conflito direto é a sobre a Sérvia. Assim é que a situação do país não é analisada tanto do ponto de vista do conflito com a Turquia, ainda que as atrocidades cometidas pelo exército turco contra a população sérvia sejam ressaltadas, mas sim pela destruição das cidades e pela reação das pessoas que tentam desesperadamente reconstruir suas vidas apesar da fome, da miséria e da doença – o tifo – que se alastra por todo o país. Uma das passagens mais marcantes dessa parte do livro é a descrição da região de Goutchevo, onde, por dez quilômetros, acumulavam-se milhares de cadá-

veres. Dali vinha a água usada em boa parte do território sérvio: “Toda essa parte da Sérvia era banhada pelas fontes de Goutchevo. Do outro lado, elas fluíam para o Drina, dali para o Save e o Danúbio, por terras onde milhões de pessoas bebiam, lavavam e pescavam nesses rios. Para o Mar Negro fluía o veneno de Goutchevo...” (p. 97). Nessa, como em muitas outras passagens do livro, percebe-se como a guerra atingia um número infinitamente maior de pessoas do que aqueles que iam ao *front* de batalha.

Entretanto, a parte mais interessante, e mais longa, é a que trata da Rússia. É aqui que Reed consegue com maior êxito expor toda a sua crítica não somente à guerra, mas ao imperialismo, à nova forma de organização mundial que surgia então. E o faz, principalmente, dando voz aos que normalmente não têm espaço nos livros de história ou nas reportagens de guerra. Assim, a avaliação mais mordaz do papel que cumpria a Rússia na Primeira Guerra está na resposta de um capitão do exército daquele país à pergunta sobre quanto tempo duraria a guerra: “O que nos importa quanto tempo vai durar? – comentou um segundo capitão com um sorriso largo. – O que importa, enquanto a Inglaterra der dinheiro e a terra der homens?” (p. 112).

Da mesma forma, já na parte sobre Constantinopla, é na descrição dos conflitos cotidianos entre a cultura muçulmana e a ocidental que se percebe a visão imperial da Alemanha sobre a Turquia; e é na incômoda conversa com um príncipe turco que se compreende o fim inevitável de uma cultura e de uma organização social que pretendiam existir de forma independente da nova ordem mundial que se delineava já naquele período.

#### *Por dentro do acontecimento*

Cabe aqui ressaltar, como segundo aspecto importante de *Guerra dos Bálcãs*, que um livro como esse, com uma contribuição tão relevante e diferenciada para o estudo da Primeira Guerra Mundial, só foi escrito porque contém uma concepção também diferenciada do que é o jornalismo.

É impossível ler *Guerra dos Bálcãs* sem fazer comparações com o noticiário recente sobre a Guerra do Iraque, os conflitos no Afeganistão, o 11 de Setembro ou mesmo a Guerra da Bósnia. Impossível não pensar em como os textos sobre cada um desses acontecimentos nos vários jornais e as fotos nas revistas, e as imagens na televisão, pareciam ser sempre – com honrosas e raras exceções – as mesmas notícias e fotos e imagens repetidas. Independentemente do órgão de imprensa ou do canal de televisão específico, dificilmente foi, feito na cobertura jornalística desses fatos, algo que fugisse de um mesmo padrão geral, com as mesmas fontes de informação, a mesma estrutura da notícia e os mesmos ideários sobre o que era o conflito e o que ele representava socialmente.

A primeira diferença entre *Guerra dos Bálcãs* e o que se faz no jornalismo atual, e especialmente no jornalismo de guerra, é que John Reed foi até o acontecimento, passou sete meses viajando pelos países em conflito, conversando com as pessoas, vivendo e procurando compreender essa vivência para poder escrever sobre ela. Mostrou os dois campos opostos na guerra e os países que se mantinham supostamente neutros, mas buscando as raízes sociais que levaram a esses posicionamentos. Algo muito diverso da cobertura da Guerra do Iraque, por exemplo, na qual jornalistas foram a campo como parte integrante do exército norte-americano e reproduziram em suas matérias os discursos oficiais dos governos dos Estados Unidos e da Inglaterra.

Se os modernos meios de comunicação, especialmente a Internet, possibilitam o maior acesso à informação, eles também permitem – e aqui o verbo correto é “permitem” e não “determinam” – uma padronização do que é notícia, de como ela é feita e sob qual ponto de vista. Há pouco espaço para o que não venha das agências internacionais de notícia ou diretamente de fontes oficiais como o governo norte-americano, a Organização das Nações Unidas, etc.

Outra diferenciação importante, embora mais sutil, é que, em *Guerra dos Bálcãs*, o jornalista é parte integrante da história, quase toda ela narrada em primeira pessoa. É John Reed quem toma os trens, bebe e come, anda pelas ruas e é preso na Rússia. Ele comenta as situações, descreve seus estados emocionais em cada uma delas e, algumas vezes, deixa saber sua opinião. O autor não se esconde atrás de uma suposta imparcialidade jornalística ou científica, que o fizesse frio e distante o suficiente para ser apenas o narrador impessoal da história, como é a praxe do jornalismo atual. Apesar disso – ou talvez justamente por isso –, traz um retrato da Primeira Guerra no Leste Europeu mais próximo da realidade e permite maior liberdade para que o leitor tire suas próprias conclusões sobre o acontecimento.

Em resumo, tanto do ponto de vista jornalístico como do ponto de vista histórico, *Guerra dos Bálcãs* tem como um de seus principais méritos o de mostrar a Primeira Guerra e a organização mundial no início do século XX sob uma perspectiva diferente: a dos que vivem, dia a dia, a construção da história.

*Recebido em fevereiro/2005; aprovado em maio/2005*

#### *Notas*

\* Jornalista e mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).